

DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA AOS ESTUDOS DO IMAGINÁRIO – OS DESENHOS DAS CRIANÇAS COMO OBJETO DE PESQUISA

FRANCINE BORGES BORDIN¹; LÚCIA M. VAZ PERES²

¹Universidade Federal de Pelotas – francine.bb1988@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lp2709@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca realizar uma reflexão sobre o trajeto de pesquisa percorrido pela autora até aqui, evidenciando a passagem do mestrado ao doutorado e o percurso teórico que estes suscitarão. E pretende, também, apresentar os resultados da pesquisa do mestrado, alinhavando com a pesquisa que será realizada no doutorado.

Inicialmente, deve-se deixar claro que as referidas pesquisas focam-se na infância como objeto de pesquisa. No mestrado, investigou-se os desenhos infantis produzidos pelas crianças de uma escola de arte-educação infantil da cidade de Pelotas. Para o doutorado, o foco se transformou em uma pesquisa que pretende investigar a infância nas imagens de jornais antigos da mesma cidade.

Teoricamente, no mestrado, teve-se a sociologia da infância e seus conceitos como norteadores para a pesquisa, a saber: reprodução interpretativa (CORSARO, 2002, 2011), culturas da infância (SARMENTO, 2002, 2003) e o simbolismo dos desenhos das crianças (SARMENTO, 2011). Para o doutorado, houve adaptações teóricas: da sociologia da infância para os estudos do imaginário, a saber: DURAND (2000, 2002), WUNENBURGER (2007); WUNENBURGER; ARAÚJO (2006) e ARAÚJO; ARAÚJO (2009).

Para tal, se demonstrará esse caminho através das discussões dos resultados da pesquisa do mestrado.

2. METODOLOGIA

Para a dissertação de mestrado, focada na sociologia da infância, utilizou-se trabalho de campo etnográfico, respaldado metodologicamente em GEERTZ (2008) e GRAUE; WALSH (2003). As análises tiveram como base o conceito de reprodução interpretativa, já mencionado (CORSARO, 2002, 2011).

Para a tese de doutorado, trabalhando-se na perspectiva dos estudos do imaginário (DURAND, 2002), busca-se desenvolver a mitanálise como uma metodologia que busca estudar os mitos diretores que habitam a sociedade (ARAÚJO; SILVA, 1995) – *mitodologia*, que ainda necessita de aprofundamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta parte do trabalho, pretende-se mostrar algumas conclusões da dissertação com alinhamentos teóricos para a tese.

As considerações sobre desenhos infantis também nos permitem pensar a educação, na medida em que representam aspectos educacionais possíveis e necessários de serem repensados. Para SARMENTO (2011), os desenhos são uma produção simbólica das crianças, constituindo-se enquanto um meio de comunicação não verbal. O desenho possibilita à criança comunicar aquilo que por meio da fala ela não comunica. Permite, também, aos adultos entrar no âmago da

infância e compreender (ou pelo menos tentar) a situação da educação nas escolas. Mesmo que os desenhos não tratem diretamente sobre esse tema, de certa forma eles comportam elementos que nos permitem pensar a educação, sendo assim, mais do que meros desenhos, mas testemunhos de uma cultura infantil (SARMENTO, 2011) e escolar, partindo do olhar das próprias crianças. O estímulo à criação de desenhos na educação infantil, seja individualmente ou em pequenos grupos, enfatiza o caráter interativo da infância, bem como estimula, também, a ludicidade, a fantasia do real, o jogo simbólico e a reiteração, aspectos trabalhados por Sarmento (2011). (BORDIN, 2014, p.143).

Partindo do pressuposto sobre a dissertação de mestrado, abaixo se apresenta o desenho de uma criança, o relato e uma breve análise entrecruzada pela sociologia da infância e pelos estudos do imaginário. Sobre o arco-íris:



Desenho 1: O arco-íris, por Fernando (6 anos).

Fernando: *ah no fim do arco-íris tem alguma coisa!*

Pesquisadora: *é? o que tem no fim do arco-íris?*

Fernando: *não sei... eu vi nos filmes que tinha ouro...*

Pesquisadora: *vocês acham que tem ouro no fim do arco-íris?*

Fernando: *eu acho... aí quando vê, eu acho o fim do arco-íris e cavo e cavo e acho o tesouro!!*

Depois de alguns segundos, Fernando completa sua ideia: *eu desenhei o tesouro... que tá bem aqui!*

E questiona a si mesmo: *o que ele pode ser?? ah, um chapéu de ouro!* (DIÁRIO DE CAMPO, 07/10/13).

Evidencia-se, aqui, duas possibilidades de análise: sociologia da infância e estudos do imaginário.

Sociologicamente é possível perceber a estreita relação entre a produção do desenho e a fala da criança, revelando, muitas vezes, influências e contextos de inserção das crianças. Apresenta-se um desenho e um relato, mas o conjunto de desenhos produzidos na interação das crianças é capaz de revelar, ao pesquisador, os significados partilhados e criados coletivamente, evidenciando o conceito de reprodução interpretativa (CORSARO, 2011). Os desenhos da pesquisa mostram como as crianças criam suas percepções sobre o mundo e o quanto essas percepções são atravessadas por informações provenientes dos adultos – o que não denigre a especificidade no modo de ver o mundo dessas crianças e as possibilidades que essas visões trazem. Essas possibilidades trazidas pelas crianças podem ser exploradas pelos estudos do imaginário a partir dos elementos simbólicos presentes nas narrativas.

A partir dos elementos simbólicos – arco-íris e tesouro – é que a análise simbólica dos estudos do imaginário se desenvolve. Algumas situações relatadas, além da explicitada aqui, emergem ao olhar. As crianças começaram discutindo o formato do arco-íris, passaram a inserir animais no desenho, contavam histórias, discutiam sobre as cores e sobre a textura do arco-íris, contavam os diferentes momentos em que viam o fenômeno no céu e tramavam uma forma de alcançar o inalcançável. Essa trajetória em busca do arco-íris pode representar a busca humana por uma solução para determinadas situações. E a ideia do tesouro dá sentido a esse trajeto e estimula a busca. Embasamento para essas discussões

podem ser encontrados em mitos¹ de diversas culturas, demonstrando a imaginação simbólica (DURAND, 2000) das crianças muito mais nítida que a dos adultos. Como exemplo, cita-se um mito do Tibete e da Mongólia, onde o arco-íris representa o caos primordial, fonte de toda energia e materialidade. Muitas mitologias o representam a partir de uma cobra gigantesca ou serpente cósmica. O sentido instaurado pelo arco-íris mostra a criação do mundo e dos seres (humanos ou não) a partir de uma narrativa que inclui o bem, Radiante, e o mal, Miséria Negra. O arco-íris, então, representa a criação nas suas diversas facetas, associando características do universo às cores presentes no arco-íris. O que parece ser uma narrativa simples, na verdade não é, pois contém uma gama de elementos que provoca o indivíduo a querer saber mais sobre sua origem. E entrar em uma sala de aula de educação infantil e ouvir as crianças falando sobre o arco-íris e criando novas narrativas sobre o mesmo, demonstra o simbolismo presente na imaginação das crianças de forma mais crua e livre que dos adultos.

Como se pode observar, o arco-íris suscitado pelas crianças leva a uma reflexão mais ampla sobre as origens do mundo. Sua forma pode ser associada à diferentes elementos, como, por exemplo, o arco, a ponte e o círculo, que permitam refletir sobre o processo imaginativo instigado pelos desenhos das crianças.

Finalizando, percebe-se a sociologia revelando os desenhos e as narrativas das crianças inseridas em um contexto sociocultural específico, representando uma forma específica de olhar para o mundo e instigando a procurar, no imaginário humano, uma forma profunda de compreender essa intrínseca relação com a sociedade.

4. CONCLUSÕES

Espera-se com esse trabalho, além de evidenciar um pouco da pesquisa realizada no mestrado, lançar um olhar baseado nos estudos do imaginário sobre os desenhos, buscando o sentido oculto que estes traziam junto às crianças.

O desenho foi considerado um elemento simbólico por meio do qual as crianças expressaram sua imaginação simbólica (DURAND, 2000), instaurando novos sentidos para o arco-íris – sentidos esses que não foram apenas para eles, mas para ampliar o olhar e a concepção sobre a infância e sobre o mundo da própria pesquisadora.

O exercício aqui realizado colaborou para compreender um pouco sobre o ser humano enquanto um ser simbólico, pois a temática do “Arco-Íris” foi transcendida pela criança através de narrativas que permitiram buscar, nos mitos, uma nova forma de compreender o mundo.

Evidencia-se, novamente, que este trabalho se inter-relaciona com a sociologia e os estudos do imaginário, pois surgiu da dissertação de mestrado embasada sociologicamente, mas que incitou a busca de um olhar aprofundado sobre o ser humano: o imaginário.

Conclui-se, então, que as crianças trazem consigo este simbolismo de forma mais crua que os adultos e, até mesmo, ultrapassam a razão adulta através de seu pensamento simbólico e possibilitam, ao adulto, repensar seu lugar no mundo e sua forma de interagir neste, bem como demonstram a necessidade da educação se adaptar a esses seres pensantes e simbólicos e não tolher seu simbolismo.

¹ Mitos que não poderão ser descritos e analisados aqui, em função da extensão máxima do trabalho. Porém, a discussão e análise completa serão apresentados oralmente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO; Alberto Filipe; ARAÚJO, Joaquim Machado de. **Imaginário Educacional:** figuras e formas. Niterói: Intertexto, 2009.

ARAÚJO; Alberto Filipe; SILVA, Armando Malheiro da. Mitanálise e interdisciplinaridade - subsídios para uma hermenêutica em educação e em ciências sociais. **Revista Portuguesa de Educação**, v.8, n.1, p.117-142, 1995.

BORDIN, Francine Borges. “**Não é de verdade, é só um desenho**”: de que nos falam os desenhos infantis?. 2014. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2014.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. **Educação, Sociedade e Culturas**, n.17, p.113-134, 2002.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DURAND, Gilbert. **A imaginação Simbólica**. Lisboa: Edições 70, 2000.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário:** introdução à arquetipologia geral. 3^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças:** teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

SARMENTO, Manuel J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2^a modernidade. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2002. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf> Acesso em: 15 set. 2009.

SARMENTO, Manuel J. **Imaginário e culturas da infância**. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/ImaCultInfancia.pdf> Acesso em: 15 set. 2009.

SARMENTO, Manuel J. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, José Altino; PRADO, Patrícia Dias. **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011. p.27-60.

WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe. **Educação e imaginário:** introdução a uma filosofia do imaginário educacional. São Paulo: Cortez, 2006.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.